



CEAMA

CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITECTURA MILITAR DE ALMEIDA

N.º 1 – 2008

Publicação Semestral

Na Capa

Cartaz da Recriação Histórica do Cerco de Almeida
O Regimento 23

Produção Editorial

Câmara Municipal de Almeida

Director

Presidente da Câmara Municipal de Almeida

Coordenação Editorial

João Campos

Equipa Editorial

João Marujo

Paula Sousa

Elisabete Morgado

Colaboraram neste número

Adelino Matos Coelho, Alexandre de Sousa Pinto, Angel Luis Calabuig, Carlos Alberto da Fonseca, Fernando Cobos Guerra, Gianni Perbellini, João de Sousa Campos, José d'Encarnação, José Vilhena de Carvalho, Pedro Dias, Ronald Brighthouse, Ray Bondin, Rui Carita, Rui Rasquilho.

Revisão

João Campos

Pré-Impressão e Impressão

A. Alves – Artes e Edições, Lda

Tiragem

1500 Exemplares

ISSN 1646-9089

Depósito Legal n.º 272003/08

CEAMA

Publicação da Câmara Municipal de Almeida

ACEP – Área Cultural, Estudos e Património

Quartel das Esquadras n.º 5

6350- 130 Almeida

geral.acep@cm-almeida.pt

Telefone: 271 571993

Os artigos da revista CEAMA são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores, e não reflectem, necessariamente, o ponto de vista da direcção da publicação ou da Câmara Municipal de Almeida. Os textos e as imagens desta publicação não podem ser reproduzidos sem autorização prévia da Câmara Municipal de Almeida.

Sumário

«Arquitectura militar – espaços com vida! O exemplo dos fortes da orla marítima cascalense»
Revista CEAMA (Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida), 1, 2008, p. 75-81
(versão inglesa nas p. 82-85).
Este número traz as actas das Jornadas da Arquitectura Militar Abaluartada, realizadas em Almeida (24-25.08.2007).



Guarda a orla marítima cascalense um conjunto de fortalezas que remontam ao tempo não das Guerras Peninsulares (como Almeida) mas sim das Guerras da Restauração. Na verdade, tendo sido por Cascais que o inimigo invadira Portugal em 1580, importou desde logo, após 1640, reforçar por completo essa defesa, que outra não era que a defesa do estuário do Tejo e, conseqüentemente, a da capital.

Tiveram guarnição a maior parte desses fortes e baluartes precisamente até às Guerras Peninsulares, pois não poderemos esquecer que Junot se aquartelou em Cascais e nessa vila terá assinado, em 1807, a chamada Convenção de Sintra, após a 1ª invasão.

Depois, pouco a pouco, deixaram essas fortificações de ter sentido do ponto de vista da estratégia militar; aparecerão outros conceitos de artilharia antiaérea e de costa e, por isso, usos diferentes se deram a esses imóveis. Recorde-se que, em tempos do Duque de Saldanha e de Fontes Pereira de Melo, se promoveu a criação do “campo entrincheirado de Lisboa”, de 1895 a 1926, e que, a partir de 1941, se procurou concretizar, com o mesmo objectivo, o «plano Barron», assim chamado por ter sido concebido por Barron, oficial e estrategista inglês da II Grande Guerra.

Sem nos perdermos, porém, em pormenores históricos – que não vêm ao caso, aqui – dir-se-á, pois, do que por ali se fez ou se pretende fazer, depois de a quase totalidade dessas edificações ter passado, mercê da assinatura de protocolos, para a responsabilidade municipal. Um vai ser Centro de Interpretação da Natureza e Centro para a Juventude; outro transformou-se em estalagem; um outro em hotel da ‘cadeia’ «Relais et Chateaux»; há um laboratório marítimo para pesquisas no plâncton; noutro funciona a Capitania do Porto; temos dois museus, uma futura casa de chá, uma colónia de férias...

Enfim, toda uma panóplia de soluções que poderá ser interessante conhecer.

Vamos, pois, percorrer a orla marítima, desde as faldas da Serra de Sintra até Carcavelos (ver mapa), com um breve apontamento sobre alguns desses vestígios do passado.

Baluartes do Guincho

Junto à Praia do Abano, encontra-se em mau estado de conservação, pelo que a autarquia propôs que, devido à sua localização em área muito sensível e característica do Parque Natural Sintra-Cascais, ali viesse a funcionar um Centro de Interpretação da Natureza, com particular atenção à juventude.

O projecto está feito e aguarda-se oportunidade para a obra se iniciar.

Bateria da Galé

Defendia, pelo sul, o areal da praia do Guincho. O que restava das suas paredes foi incorporado na Estalagem Muchaxo, que mantém, por isso, pátio interior e planta quadrangular.

Bateria Alta

Como escreve Manuel Lourenço, «de concepção semelhante à bateria da Galé, cruzava fogos com aquela e com a bateria da Cresmina, situada a sul, defendendo a praia pequena do Guincho».

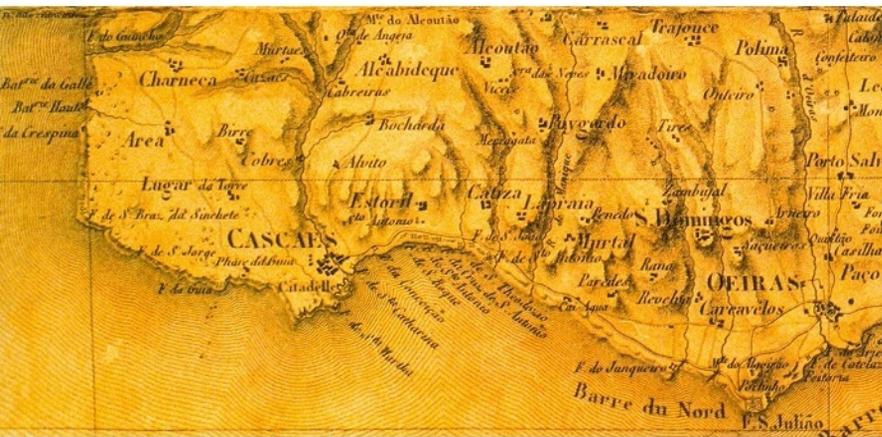
À bateria da Cresmina, de propriedade particular, ainda se não logrou dar destino adequado, mantendo-se, por conseguinte, apenas as suas paredes, sem qualquer utilização. A Bateria Alta foi sofrendo transformações e é hoje o Hotel do Guincho, incluído na cadeia internacional «Relais & Chateaux», mercê do aspecto de fortificação que procurou manter e devido ao facto de uma das suas salas servir, de vez em quando, de cenário a reconstituições de ceias ‘medievais’... – onde o requinte do serviço, o halo de história que das suas paredes promana e a magnificência da paisagem envolvente emprestam ao conjunto um cenário (dir-se-ia) doutras eras...

Forte de S. Jorge de Oitavos

Passamos ao lado do baluarte de Sanxete, no Cabo Raso, que mantém, na actualidade, o seu

serviço como farol e, por isso, as dependências foram aproveitadas para acomodação do faroleiro. Trata-se de uma zona ainda perigosa para a navegação, onde, até não há muitos anos, ocorriam naufrágios com alguma frequência.

E quedamo-nos, a fazer «parar o tempo» (como se diz numa crónica), no Forte de S. Jorge de Oitavos, que também é conhecido pela designação inicial de Baluarte da Cabeça de Oito Ovos.



Antigo mapa da orla marítima de Cascais ao Guincho, com a localização dos fortes.

Aí esteve sediada, durante anos, a Guarda Fiscal, para vigilância da costa. Tornados desnecessários os seus serviços, o forte ficou sem préstimo e acabou por ser entregue ao Município. Dado o bom estado de conservação, para aí foi estudada uma musealização que mostrasse o quotidiano da sua guarnição: como preparava as refeições, as tarimbas onde dormia, a preparação das munições, a sala de comando, a latrina, a cisterna, as peças de artilharia... tudo precedido por um vídeo que explicitava o significado do monumento. Uma reconstituição curiosa e simpática e até apetecia falar com as personagens-manequins:

– Esse chouriço de sangue deve estar divino, não? E a gente não se poderia fazer convidar? Está bem, somos muitos para a mesa que dá só para cinco, mas acomodávamo-nos. Faltam os pratos, é verdade. Tudo está devidamente à proporção.

É, como se sabe, um tipo de musealização que tem uma duração limitada e, por conseguinte, neste ano de 2007, o forte entrou em obras para albergar uma reconstituição renovada.

Forte de N^a Sr.^a da Guia

Começou por ser conhecido como «Baluarte da Lajem do Ramil», por se situar perto da laje, por onde, a 30 de Julho de 1580, as tropas do Duque de Alba desembarcaram e iniciaram a tomada do nosso País. Um dos fortes da série construída logo após a revolução do 1^o de Dezembro de 1640, no intuito de defender a capital de possíveis novas arremetidas, agora das tropas de Filipe IV: começou a ser edificado a 20 de Junho de 1642, conforme se pode ler na placa que lhe encima a porta principal.

O imóvel, designado por «prédio militar n^o 16», foi arrendado, a 30 de Janeiro de 1928, pelo então Ministério da Guerra ao Ministério da Instrução Pública, pela simbólica quantia de dois contos por ano. Ficou de imediato adscrito à Direcção Geral do Ensino Superior, porque desde logo se pensou em instalar aí um laboratório marítimo. Aliás, as obras de adaptação já haviam começado antes, em 1927, sob orientação do Prof. Artur Ricardo Jorge. E assim se manteve a situação jurídica do forte até que, em 1942, aplicando-se o disposto no Decreto-Lei n^o 24 489, de 13 de Setembro de 1934, passou a sua tutela para a Direcção Geral da Fazenda Pública (Ministério das Finanças), que, por sua vez, cedeu as instalações, «a título precário e gratuito», ao ministério a que antes haviam sido arrendadas.

Instantâneo de uma experiência no Laboratório Marítimo da Guia. Foto: Laboratório.



Ali funciona, pois, o que primeiro se chamou o Laboratório Marítimo do Museu Bocage, da Faculdade de Ciências de Lisboa. É, desde o ano lectivo de 1974-1975, uma importante «unidade de investigação e ensino vocacionada para as ciências e tecnologias do mar» e, simultaneamente, desde Julho de 1998, uma unidade do Instituto do Mar (IMAR), instituição privada sem fins lucrativos. As disciplinas aí estudadas prendem-se com a Biologia Marinha, a Oceanografia Biológica, a Ictiologia, os Sistemas Estuarinos... E os temas das seis linhas de investigação ora em curso no Laboratório são os seguintes:

- 1) Ecologia costeira, biodiversidade e mudanças climáticas globais;
- 2) Ordenamento litoral, detecção remota e Sistema de Informação Geográfica;
- 3) Variabilidade do recrutamento de pequenos peixes pelágicos;
- 4) Ecologia das fontes hidrotermais (domínio profundo marinho);
- 5) Ecologia de ecossistemas costeiros tropicais;
- 6) Aquacultura (manipulação de reprodutores e qualidade de ovos e de larvas).

Forte de Santa Marta

Desde sempre que fui tentado a ver no farol de Santa Marta, sito na foz do Rio dos Mochos, a poente da actual marina, o ex-libris da vila de Cascais, pela sua graciosidade e pelo encanto que se desprende da paisagem natural e construída que o envolve: a Casa de Santa Maria (traça de Raul Lino), o Palácio dos Condes de Castro Guimarães...

Integra o farol o que foi o chamado Baluarte do Rio do Bode, que «cruzava fogos com a fortaleza da vila e defendia a Calheta do Rio do Bode, local de fácil desembarque», escreve Manuel Lourenço.

Se já antes era o «ex-libris», agora, a partir de 27 de Julho deste ano de 2007, todo o espaço foi reabilitado, numa sobriedade de linhas, numa neutralidade de cor, numa riqueza museológica (tanto documental sobre os faróis e sobre este farol como de objectos). Iniciativa do Município local com inteiro apoio do Ministério da Marinha; uma



O farol de Santa Marta.
Foto: CMC

musealização original e muito bem conseguida levada a efeito por uma equipa técnica chefiada, de certo modo, pelo Dr. Joaquim Boiça, que comissariou a exposição e que detinha boas condições para o fazer, porque, filho de faroleiro, ali vivera muitos anos. Houve, portanto, na execução deste projecto técnica, memória, saber e... carinho! O carinho que os muitos visitantes estão a saborear já, naquele recanto único!

A "Cidadela"

Falamos da imponente fortaleza com raízes no século XVI, classificada como «imóvel de interesse público» pelo decreto nº 129/77, de 29 de Setembro, que serviu de aquartelamento, entre outros, ao Regimento 19 e onde esteve sediado, até primórdios da década de 90 do século passado, o C. I. A. A. C. – Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea e de Costa.

Planeada, por razões estratégicas, ainda em tempo dos Filipes, a fortaleza verá os seus trabalhos avançarem lentamente. D. João IV, porém, ordena pressa, no que é secundado pelo seu Conselho

de Guerra e a obra faz-se, sob a dependência do governador, D. António Luís de Meneses, Conde de Cantanhede.

Dado que pouca utilidade já então teria, uma das primeiras deliberações do I Governo Republicano, em 1911, foi a de entregar a Cidadela à vila de Cascais; à decisão não se deu, porém, seguimento.

De 1978 a 1980, esteve à sua frente o (então) Coronel Loureiro dos Santos, cuja actuação, além de relevante no âmbito da Arma de Artilharia, revelou grandes preocupações patrimoniais: mandou proceder ao levantamento total da parada, cujo empedrado renovou e isolou para evitar infiltrações na cisterna a ele subjacente (uma das duas de que a cidadela dispõe), cisterna de elegantes abóbadas que, entretanto, mandara limpar e restaurar, transformando-a em graciosa e acolhedora sala de armas, onde amiúde se realizaram eventos culturais: conferências, concertos, apresentação de livros... Após a desactivação do CIAAC, e na sequência de um despacho do secretário de Estado do Turismo, a ENATUR foi encarregada de negociar com a Câmara e o IPPC «o que é possível fazer na Cidadela, se e quando esta for desocupada pelo Exército», preconizando-se que «os edifícios de interesse histórico deveriam ser restaurados e mantidas as suas fachadas originais», embora se previsse a reestruturação dos espaços interiores, de molde a atribuir-lhes maior funcionalidade. Previa-se, desde logo, uma unidade hoteleira, de quatro ou cinco estrelas, restaurantes e bares de qualidade e haveria lugar para o comércio retalhista...

Assim, na sequência das mais variadas negociações, concretizou-se, na Primavera de 2005, a cedência do imóvel, a custo zero, ao Município, e

de imediato se lançou concurso público de ideias para a sua valorização – que se aguarda, enquanto o espaço, entretanto, está já a ser aproveitado para eventos de variada ordem: concertos, exposições, desfiles de moda...

A sua recuperação e valorização constituem na verdade, um dos mais importantes projectos em curso, esperando-se que seja feita em concomitância com a reabilitação da chamada «Fortaleza de Nossa Senhora da Luz», que lhe fica adjacente, assim como com a do palácio – «cidadela» – que serviu de residência real no século XIX e está, nessa linha de tradição, adscrito à Presidência da República.

Forte de Santa Catarina

Também é designado por «baluarte da Foz», pois se localiza na foz da Ribeira das Vinhas, que desagua na Praia dos Pescadores, em pleno coração da vila cascalense.

Data a sua construção de 1645; contudo, a exposição ao salitre e à rebentação obrigou a reparações constantes de muralhas, lajedos e parapeitos; entre 1675 e 1720, refere Margarida Ramalho, esteve operacional: «em bom estado, artilhado e guarnecido»; contudo, quando o visita, a 29 de Junho de 1720, o Coronel João Xavier Teles afirma peremptoriamente: «Está fechado e não se garante».

Um desenho datado de 17 de Abril de 1876 mostra bem o traço das muralhas, a localização do paiol e duas casas mais atrás, identificadas com os nomes dos seus proprietários: Madame Aline Neuville e Domingos de Sequeira Queirós. A ambos, depois de muitas insistências, a Secretaria da Guerra arrendou o espaço, em 1880, «por nove anos renováveis», pela quantia de seis mil réis por ano.

Nos começos do século XX, vem a Cascais Henrique Manfroy de Seixas. Cobiça esses velhos muros que entrevê no meio das construções, encanta-o o sítio e compra tudo para nele fazer mansão. Encomenda projecto a um dos mais notáveis arquitectos da Primeira República, Norte Júnior,

A maqueta para a reabilitação futura da Cidadela de Cascais. Foto: CMC.





Casa Seixas. Foto de Filipe Guerra.

e, em requerimento de 14 de Junho de 1916, que Margarida Ramalho teve ocasião de ver no Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, solicita autorização para o projecto se concretizar.

É, hoje, a Casa Seixas, outro dos ex-libris da vila piscatória, onde funciona a Capitania do Porto de Cascais e a Messe de Oficiais da Marinha.

Casas senhoriais

Sitos no perímetro urbano da vila, os fortes que se seguiam para nascente transformaram-se em residências senhoriais, após a sua desafectação militar.

Assim, o Forte do Almosteiro, a nascente da Praia da Rainha, é a residência, de traça em estilo «casa portuguesa», dos herdeiros de D. Nuno de Almeida; sobre o Forte da Nossa Senhora da Conceição, assim designado devido à vizinhança com a ermida de Nossa Senhora da Conceição dos Inocentes, mandou edificar, a partir de 1874, o Du

que de Palmela um palacete ao bom estilo inglês, projecto do architecto Thomaz Henry Wyatt; o Forte de S. Roque, fronteiro à igreja de S. António do Estoril, deu lugar ao Casal de S. Roque, também em estilo «casa portuguesa»; por cima das ruínas do Forte de S. António, que arrematara a 5 de Março de 1894, edificou o conselheiro Ernesto Diesel Schröter um palacete ao jeito romântico; o Forte do Rio do Estéril (ou Forte da Cruz de Santo António da Assubida) cedeu o lugar à Vivenda Barros, o ex-libris do Estoril devido à sua estrutura acastelada, junto à praia, projecto de Cezare lanz para João Martins de Barros, que arrematara o forte a 18 de Abril de 1894; transformou-se em discoteca o Forte de S. Pedro, mais conhecido por Forte da Poça (devido à proximidade com a nascente de águas termais que ali existe e foi, em tempos, explorada como de 'banhos medicinais' pela Santa Casa da Misericórdia local) ou por Forte de S. Teodósio (assim designado em homenagem ao príncipe D. Teodósio, filho primogénito de D. João IV, precocemente falecido, por acidente, aos 19 anos, em 1653).

Forte de S. João da Cadaveira

Sobranceiro à actual Praia da Poça, foi construído entre 5 de Abril de 1642 e o ano de 1643. Albergou também um destacamento da Guarda Fiscal. Desafectado, foi entregue ao Município, que para ele encomendou o projecto de uma casa de chá, cuja execução se aguarda.

Fortaleza de S. António da Barra

É – com a Cidadela de Cascais – um dos mais antigos redutos defensivos da orla marítima cascalense, pois data do reinado de Filipe II, estando, em 16 de Fevereiro de 1591, apto a «meter gente e artilharia», como se lê num relatório da época. Entre a população local, é mais conhecido por «Forte Salazar», por o Presidente do Conselho aí vir residir durante o Verão, a partir de 1950; aliás, foi nesse forte que, a 8 de Setembro de 1968, teve o acidente que o levaria à morte. Mantém-se na posse do Exército e funciona como Casa de Verão do Instituto de Odivelas.

Bateria da Parede

Não se trata de uma fortaleza no estilo convencional. As suas instalações são subterrâneas, ap-

tas para albergar toda a parafernália necessária para manter operacionais as baterias que, à superfície, fariam fogo sobre eventuais embarcações inimigas que pretendessem entrar no estuário do Tejo. Um conjunto arquitectónico do maior interesse, que se oculta sob a aparência de terras de sementeira, com seus valadinhos de pedra solta (foto 7) – e que, após a recente desactivação, se almeja recuperar e transformar em museu da Artilharia Antiaérea e de Costa. Nesse sentido se postula igualmente que, pelo menos, um dos canhões de uma outra potente bateria, a de Alcabideche, venha a ser musealizado no âmbito do projecto do futuro hospital de Cascais.

Forte do Junqueiro (ou de S. Domingos de Rana)

Já no limite nascente do concelho de Cascais, este forte foi igualmente construído a partir de 1645. A placa comemorativa da edificação ainda ali se pode ler:

«O muito alto e poderoso rei D. João, o 4º de Portugal, Nosso Senhor, mandou fazer esta fortificação, sendo Governador das Armas de Cascais o Conde de Cantanhede, Dom António Luís de Menezes, no ano de 1645».

Outra singela placa, que se preserva no actual Hospital Ortopédico José da Almeida, que lhe sucedeu, explica o que ali se passou:



Peça de artilharia na Bateria de Parede.
Foto de Filipe Guerra.

Sala de comando na Bateria de Parede.
Foto de Filipe Guerra.



«Sobre a antiga fortaleza foi fundado este sanatório por Tomás Ribeiro e José Joaquim d'Almeida, em 1897. Falecido o primeiro dos fundadores, em 1901, conseguiu o segundo fazer as obras de adaptação, oferecendo-a à Assistência Nacional aos Tuberculosos, que, provendo-o das roupas e utensílios necessários, o abriu em 22-8-1902, para 26 crianças. O Benemérito Dr. José Joaquim d'Almeida dirigiu-o gratuitamente desde a abertura até à data do seu falecimento, em 18-12-1921».

Os fortes silhares das esquinas, a inclinação da prumada dizem-nos, de imediato, que a referida fortaleza era ali. Todas aquelas paredes são o correcto aproveitamento das antigas muralhas, atentas a eventual inimigo que ousasse entrar a foz do rio Tejo ali adiante...

Em conclusão:

Múltiplos foram, por conseguinte, os usos a que se prestaram as fortalezas da orla marítima cascalense, desde privados a públicos, numa panóplia que mostra bem como, afinal, estes importantes vestígios do passado, perdida a oportunidade da função para que foram levantados, podem continuar a ser – e são-no! – espaços com vida!

Bibliografia

BOIÇA (Joaquim Manuel Ferreira), BARROS (Maria de Fátima Bombouts de), e RAMALHO (Margarida de Magalhães), *As Fortificações Marítimas da Costa de Cascais*, Lisboa, 2001.

BOTELHO (Gen. Afonso), «*Os Regimentos de Cascais*», Câmara Municipal de Cascais, 1964.

CALLIXTO (Carlos Pereira), *Fortificação da Praça de Cascais a Ocidente da Vila*, separata da *Revista Militar*, 1980.

COSTA (António José Pereira da), *A Cidadela de Cascais (Pedras, Homens e Armas)*, Direcção de Documentação e História Militar (Estado-maior do Exército), Lisboa, 2003.

ENCARNAÇÃO (José d'), *Cascais e os Seus Cantinhos*, Edições Colibri (Lisboa) e Câmara Municipal de Cascais, Lisboa, 2002. Aí foram publicados os seguintes textos:

p. 16-18: «Oitavos – Entre dois infinitos: o do mar azul e o verde pinheiral»;

p. 152-155: «Palacete Palmela – Em tons escuros, sereno, impressionante...»;

p. 265-268: «Os canhões de Alcabideche – Estávamos em pé de guerra!...»;

p. 285-288: «A orla marítima – Para saborear sem pressas».

ENCARNAÇÃO (José d'), *Recantos de Cascais*, Edições Colibri / Câmara Municipal de Cascais, Lisboa, 2007. Aí foram publicados os seguintes textos:

p. 109-116: «S. João do Estoril – Duas vidas separadas pelo tempo»;

p. 189-193: «Laje do Ramil – Por aqui entraram os Espanhóis»;

p. 194-198: «Forte de Oitavos – Vamos fazer parar o tempo»;

p. 219-228: «Casa Seixas – Dos mistérios e das controvérsias...»;

p. 233-242: «O Laboratório da Guia – Pesquisando as miudezas do mar...»;

p. 260-265: «Hotel do Guincho – Uma fortaleza em pleno Guincho»;

p. 293-300: «Uma fortaleza entretecida de história». ENCARNAÇÃO (José d') assinou a rubrica *Recantos de Cascais* no *Jornal da Região – Cascais*, onde foram publicados os seguintes textos (habitualmente a ocupar toda a pág. 5), ainda não reunidos em livro (como os anteriores):

12.05.2004: «Hospital José d'Almeida – O antigo Forte do Junqueiro»;

19.05.2004: «Hospital José d'Almeida (parte II) – O Forte do Junqueiro defendia a praia de Carcavelos»;

26.05.2004: «Hospital José d'Almeida (parte III) – De sanatório marítimo a hospital ortopédico»;

02.07.2003: «“Forte Salazar” – Envolvido em pinheiros e mistério...»;

09.07.2003: «“Forte Salazar” (II) – A serenidade de uma casa de Verão...»;

16.07.2003: «“Forte Salazar” (III) – Uma história para contar...»;

17.12.2003: «Capela de Nossa Senhora da Vitória – Relíquia com histórias secretas por contar»;

07.01.2004: «Capela de N^a Sr.^a da Vitória (parte II) – Templo recatado, de múltiplas devoções»;

14.01.2004: «Capela de N^a Sr.^a da Vitória (parte III) – Painéis de azulejos, um livro com muito para contar»;

04.08.2004: «Tamariz – Arbusto, celebridades e história!...»;

25.08.2004: «Bateria da Parede (parte I) – Um século de história na defesa do estuário»;

01.09.2004: «Bateria da Parede (parte II) – Instantâneos de um quotidiano diferente»;

08.09.2004: «Bateria da Parede (parte III) – O parque temático que notabilizará Cascais»;

20.10.2004: «Bateria de Alcabideche (parte I) – Três monumentos de um passado recente»;

27.10.2004: «Bateria de Alcabideche (parte II) – Para uma visita às entranhas da terra...»;

03.11.2004: «Bateria de Alcabideche (parte III) – Antevisão do museu que se há-de ter»;

20.04.2005: «A Cidadela revisitada – Cascais e a “Guerra Fantástica”».

LOURENÇO (Manuel Acácio Pereira), *As Fortalezas da Costa Marítima de Cascais*, Câmara Municipal de Cascais, 1964.

José d'Encarnação

Na Universidade de Coimbra, de que é docente desde 1976, doutorou-se em História, em 1984, na especialidade de Pré-História e Arqueologia.

Professor catedrático (desde 05-06-1991), teve a seu cargo a leccionação de cadeiras no âmbito da História Antiga e da Arqueologia Clássica, da Museologia e da Comunicação Social autárquica.

Military Architecture – Alive spaces! (The example of forts in the cascalense sea front)

José d'Encarnação

The cascalense sea front keeps a set of fortresses which go back not to the Peninsular Wars time (as Almeida) but to the Restoration Wars. Actually, as it was through Cascais the enemy invaded Portugal in 1580, was immediately required, after 1640, the complete reinforce of that fortress, since it was the Tejo estuary defence and, consequently, the capital one.

The most part of the forts and bulwarks had garrison precisely until the Peninsular Wars, since we can't forget Junot barracked in Cascais and in that villa would signed the Convention of Sintra, after the 1st Invasion.

Then, step by step, those fortifications were useless in the military strategic point of view; will appear other concepts of anti-aircraft and cost artillery and, for that reason, those real estates had different uses. We must remind that at the time of Duke of Saldanha and Fontes Pereira de Melo, was promoted the "entrenched field of Lisbon", from 1895 to 1926, and starting from 1941, with the same goal, was trying to concretize the «Barron plan», named like this for being developed by Barron, English officer and strategist in the World War II.

Without entering in too many historical details – they're not important now – we will tell about what happened there and what is about to do, after almost all those edifications had been passed, consequence of protocols signatures, to the municipal responsibility. One will be Centre of Nature Interpretation and Centre to the Youth; other is an inn; another was transformed in a hotel of the "chain" «Relais et Chateaux»; there is a maritime laboratory to do research in plankton; in other one works the port's captaincy; there are two museums; a future tea house, a vacation colony...

Finally, a whole panoply of solutions which must be interesting to meet.

So, we will go through the sea front, since the bottom of Mountain of Sintra to Carcavelos (see map), with a fast note about some vestiges of the past.

Bulwark of Guincho

Near to Abano Beach, it's badly conserved, so the autarchy proposed, because its localization in a very sensitive and characteristic area in the Natural Park Sintra-Cascais, would come to work there a Centre of Nature Interpretation, with particular attention to the youth.

The project is finished and it's waiting opportunity to start the works.

Battery of Galé

It defended, through south, the Guincho beach sands. The remains of its walls were incorporated in the Muchaxo Inn, which keeps, for that reason, internal courtyard and quadrangular plant.

High Battery

As Manuel Lourenço writes, «with conception similar to the Battery of Galé, crossed fires with that one and with the Battery of Cresmina, placed in the south, defending the small beach of Guincho».

To the Battery of Cresmina, private property, it was not given yet proper destination, keeping, in that way, its walls, without any use. The High Battery was suffering modifications and today is the Guincho Hotel, included in the international chain «Relais & Chateaux», thanks to the fortification look it tried to kept and because one of its rooms serves, once a while, as scenario to re-enactment of "medieval" suppers... - where the service refinement, the historical prestige coming out from tits walls and the surrounding landscaping magnificence give to the set a scenario (we could say) of other times...

Fort of S. Jorge de Oitavos

We pass next to Bulwark of Sanxete, in Cabo Raso, which keeps today its service as lighthouse and, because of that, its dependencies were taken to accommodate the lighthouse keeper. It's a dangerous zone to navigation, where, frequently occurred shipwrecks.

And we stop «making the time stop» (as it's said in a chronicle), in the Fort of S. Jorge de Oitavos, which is also known for its first designation of Bulwark of Cabeça de Oito Ovos (Head of Eight Eggs).

There was seeded, for years, the Fiscal Guard, to maintain the coast under vigilance. When its services became unnecessary, the Fort became useless and it was given to the municipality. As it was in good conditions, was studied for that place a museum to show the daily of the garrison: How were the meals prepared, the bunks were they slept, the munitions preparation, the command room, the latrine, the cistern, the artillery pieces...everything preceded by a video explaining the

monument mean^{ing}ing. A curious and nice reconstitution and it felt like speaking with the model-personages:

- This blood sausage must be divine, isn't it? And couldn't we make ourselves invited? Ok, we are too many to a five places table, but we could fit. It's missing the plates, it's true. Everything is proportional.

It is, as you know, a kind of museum with a limited duration and, consequently, in this year of 2007, the works in the fort began to have a renewed reconstitution.

Fort of N^o Sr.^a da Guia

Started to be known as «Bulwark of Lajem do Ramil», because is placed near to the slab, where on July 30th 1580, the troops of Duke of Alba disembarked and started our country's possession. It was one of the forts constructed after the 1st revolution of 1st December 1640, to defend the capital from possible attacks, now from the troops of Philip IV: started to be built on June 20th 1642, as you can read in the plaque over the main door.

The real estate, designated by "military building n^o16", was rented on January 30th 1928, by the War Ministry to the Public Instruction Ministry, for the amount of 2 thousands escudos a year. It was immediately subjected to the General Direction of the Superior Teaching, because the initial idea was to develop there a maritime laboratory. In fact, the adaptation works have already started in 1927, under the supervising of Prof. Artur Ricardo Jorge. Thus was kept the fort juridical situation until that, in 1942, applying the disposal in the law-decree n^o24 489, of September 13th 1934, its tutelage passed to the General Direction of the Public Estate (Finance Ministry) which gave the facilities "on a precarious and free way", to the ministry where it first belong.

There works now what before was named the Maritime Laboratory of Bocage Museum of the Lisbon Science University. It is since the instructive year of 1974-1975 an important «investigation and teaching unity with vocation to the sea sciences and technologies» and also since July 1998 a unity of the Sea Institute (IMAR), private institution with non-profit making. The disciplines studied are related to Marine Biology, Biological Oceanography, the Ichthyology, the Estuaries Systems...and the themes of the investigation are as follows:

- 1) Coast Ecology, biodiversity global climatic changes;
- 2) Coast line Ordering, remote detection and Geographic Information System;

- 3) Variability in the recruitment of small pelagic fish;
- 4) Hydrothermal Sources Ecology (marine deep domain);
- 5) Ecology of tropical coast ecosystems;
- 6) Aquaculture (reproducers manipulation and eggs and larva quality).

Fort of Santa Marta

I was always tempted to see in the lighthouse of Santa Marta, placed in the river mouth of Mochos river, west of the marine, the Cascais' *ex-libris*, because of its graciousity and charm coming from the natural and built landscaping that surrounds it: the House of Santa Maria (designed by Raul Lino), the Counts of Castro Guimaraes Palace...

It integrates the lighthouse the named Bulwark of Rio do Bode, that «crossed fire with the village fortress and defended the Calheta of Rio do Bode, place of easy disembark», as writes Manuel Lourenço.

If before was the «ex-libris», now, since July 27th 2007, the entire space was rehabilitated, with sobriety of lines, neutral colour, museum richness (both documental about the lighthouses and this particular lighthouse as in objects). Municipal initiative with the whole support of the Ministry of Navy; an original museum and very well achieved developed by a technical team led by Dr. Joaquim Boiça, who commissioned the exhibition and he had good conditions to dot it because, son of lighthouse keeper, lived there for many years. So this project had all technique, memory, know-how and ... affection! The affection many visitors taste now, in that unique place!

The "Citadel"

We speak of an important fortress with roots in the 16th century, classified as «public interest real estate» by the decree n^o129/77 of September 29th, used as barrack, to the Regiment 19 and where stayed until the first years of the 90 decade of the last century, the C.I.A.A.C. – Instruction Centre of Anti-aircraft and Coast Artillery.

Planned, by strategic reasons, in the Philippine epoch, the works in the fortress advanced slowly. D. João IV orders hurry, was obeyed by his War Council and the work is finished, under the direction on the Governor, D. Antonio Luis de Menezes, Count of Castanheda.

As it was almost useless, one of the first deliberations of the I Republican Government, in 1911 was to give the Citadel to Cascais; but this decision was not followed.

From 1978 to 1980, it was managed by Colonel Loureiro Santos, which performance, beyond his relevance in the Artillery Arm context, revealed big heritage concerns: He ordered the total surveying of the parade, renewing the pavement and isolating from infiltrations the cistern (one of the two in this city), a cistern with elegant vaults that he ordered to clean and restore, transforming it in a graceful and welcome arms room, where often were realized cultural events: conferences, concerts, book presentations...

After the CIAAC deactivation and following a dispatch from the Estate Secretary of Tourism, the ENATUR was charged to negotiate with the City Hall and with IPPC «what can be done in the Citadel, if and when it is unoccupied from the army», establishing that «the buildings with historical interest should be restored but keeping its original façades», although was predictable the restoration of the inside spaces, to get a bigger functionality. Was foreseen a hotel unity, four or five stars, restaurants and cafés and would be also space to a retail store...

Thus, after several negotiations, concretized, in the spring of 2005, the yield of the real estate, without any cost to the City Hall, and at once was divulgated the public contest of ideas to its valorisation – which is being awaited, while the space is already used to several events: concerts, exhibitions, fashion shows...

Its recovering and valorisation are actually, one of the most important projects in course, hoping it's done together with the restoration of the named «Fortress of Nossa Senhora da Luz», that is near, as well as the restoration of the palace - «citadel» - which was used as royal residence in the 19th century and it's, in this line of tradition, registered to the Republic Presidency.

Fort of Santa Catarina

It's also designated as «bulwark of Foz» because it's placed in the river mouth of Ribeira das Vinhas, flowing in the Beach of Pescadores, precisely in the centre of the villa.

Its building is dated from 1645 yet, the exposal to salt-petre and to the blow up obliged constant repairs in the walls, pavements and parapets; Margarida Ramalho refers that between 1675 and 1720 it was operational:

«in good conditions, armed and garnished»; but when Colonel João Xavier Teles visited it on June 29th 1720, he peremptorily affirms: «it's closed and won't be garnished».

A draw dated from April 17th 1876 shows the lines of the walls, the location of the fire store and two houses behind identified with the names of their proprietary: Madame Aline Neuville and Domingos de Sequeira Queirós. To both, after long insistences, the War Secretary rent the space in 1880, «for nine renewal years», for the amount of six thousand reis each year.

In the beginnings of the 20th century, come to Cascais Henrique Manfroy de Seixas. He desires those old walls he sees in the middle of the buildings, he falls in love for the place and buys everything to build there a mansion. He requests the project to one of the most remarkable architects of the First Republic, Norte Junior and, on application from June 14th 1916, which Margarida Ramalho had opportunity to see in the Archaeological Studies and Military Engineer Office, he asks for authorization to make the project.

The Casa Seixas is today another ex-libris in this fishing villa where works the Port Captainty of Cascais and the Mess of the Navy Officials.

Houses of Lords

Placed in the urban perimeter of the villa, the forts in the nascent side were transformed in houses of lords, after its military liberation.

Thus, the fort of Lamosteiro at Nascent from the beach of Queen, it's the residence, with layout in «Portuguese House» style, of D. Manuel de Almada's heirs; in the fort of N^a Sr^a Conceição, named like that because its proximity to the chapel of N^a Sr^a Conceição of the Innocents, was built a palace in English style ordered by Duke of Palmela in 1874, projected by the architect Thomaz Henry Wyatt; the fort of S. Roque, close to the church of St^o Antonio do Estoril, was replaced for the farm-house of S. Roque, also in «Portuguese house» style; on the ruins of the fort of St^o Antonio, auctioned on March 5th 1894, the counsellor Ernesto Driesel Schröter built a palace of Romanic style; the fort of Rio Esteril (or fort of Cross of St^o Antonio da Assubida) gave its place to the Barros dwelling, the ex-libris of Estoril because of its castled structure, near to the beach, projected by Cezare lanz to João Martins de Barros, who auctioned it on April

18th 1894; the fort of S. Pedro become a discothèque, it was known as fort of Poça (due to its proximity with the existing source of thermal waters that in times, was explored as “medicinal baths” by the local Santa Casa da Misericórdia) or fort of S. Teodosio (named to homage prince D. Teodosio, first son of D. João IV, died by accident with 19 years old, in 1653).

Fort of S. João da Cavadeira

Overlooking to the recent Beach of Poça was built between Abril 5th 1642 and the year of 1643. It also sheltered a detachment of the Fiscal Guard. Unaffected, was delivered to the Borough, and for it was ordered a project for a Tea House, being awaited its execution.

Fortress of Stº António da Barra

It is – with the Cascais Citadel – one of the ancient defensive Fortress in the cascalense sea front, because exists since the reign of Philip II, being, in February 16th 1591, able to «introduce people and artillery», as you can read in an epoch report. Among the local population, is known as «Fort Salazar», because the Counsel Chairman lived there during the summer, after 1950; in fact, it was in that fort, on September 8th 1968, he had the accident that would kill him later.

It's still in the Army possession and works as Summer House of the Institute of Odivelas.

Battery of Parede

It's not a conventional Fortress. Its underground installations are able to shelter all the necessary things to keep operational the batteries that, at the surface, would open fire above eventual enemies' embarkations trying to enter in the estuary of Tejo.

An architectonic set of major interest, hidden under the aspect of the sowing lands, with its small ditches of free stones – and, after recent deactivation, will be restored and transformed in an Anti-aerial and Coast Artillery museum. In that way, it's also planned that, at least one of the cannons of another strong Battery, the one of Alcabideche, would come to be a museum in the ambit of the project to the future hospital of Cascais.

Fort of Junqueiro (or of s. Domingos de Rana)

In the nascent limit of the municipality of Cascais, this fort was also built after 1645. The commemorative plaque of its edification is readable yet:

«The very high and powerful king D. João, 4th of Portugal, our Lord, ordered to built this fortification, and for the charge of Arm Governor of Cascais he named the Count of Cantanhede, Dom António Luis de Menezes, in the year of 1645».

Another simple plaque, preserved in the Orthopaedic Hospital Jose de Almeida, built there, explains what happened there:

«Above the old Fortress was founded this hospital by Tomás Ribeiro and José Joaquim d'Almeida, in 1897. After the dead of the first founder, in 1901, the second one was able to do the adaptation works, donating it to the National Assistance of Tuberculosis, which, providing it with clothes and necessary things opened in 22-08-1902 to 26 children. The benefactor Dr. José Joaquim d'Almeida managed it for free since its opening until the date of his death, in 18-12-1921».

The strong stones in the corners, the inclination of the wall tell us, immediately, the referred Fortress was there. All those walls are the correct use of the old walls, aware to an eventual enemy entrance in the mouth of the river Tejo over there...

Concluding:

Were many, in consequence, the uses gave to the Fortresses of the Cascalense sea front, both private and public, in a range that shows very well as, after all, these important vestiges of the past, lost the opportunity of the function for which they were built, can continue to be – and are! – Alive spaces!